

A (DES)CONSTRUÇÃO DOS PROCESSOS IDENTIFICATÓRIOS: ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RUA

Renata Kloster Dezonet ¹
Adriane Wollmann ²

A adolescência é considerada uma fase difícil pelas inúmeras mudanças no estágio psicossocial (criança-adulto), uma vez que a identidade do sujeito vai sendo construída e fixada em seus mecanismos. O presente artigo busca estudar a problemática vivida por adolescentes em situação de vulnerabilidade social, e em como a sua identidade se constrói no contexto das ruas. Os valores, sentimentos e auto-imagens fazem parte do processo de construção identitária, que depende muito de como os outros o percebem. Esse é o desafio do adolescente nas ruas: a invisibilidade social. A proposta é discutir como o adolescente em situação de rua passa por esse processo de construção de sua auto-imagem, entendendo que muitas vezes ele não terá quem o perceba resultando em fortes reflexos na sua vida posterior. O escopo do presente estudo é a desconstrução dos processos identificatórios permeados na maioria das vezes de preconceitos, e suas consequências para os adolescentes, família e sociedade como.

Palavras chave: adolescente; rua; identidade

Introdução:

O psicanalista Contardo Calligaris, em seu livro *A Adolescência* (2000), afirma que essa fase preenche a função de ideal social fundamentada no desejo do Homem. “Se a adolescência não existisse, os adultos modernos a inventariam tanto ela é necessária ao bom desempenho psíquico deles” (CALLIGARIS, 2000, p.60), esse bom desempenho psíquico se dá pelo fato de que a adolescência então seria uma função cultura que tornaria a modernidade suportável. A adolescência que preenche tal função ideal é definida pelo autor

¹Aluna de Iniciação Científica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Autônomo do Brasil - UNIBRASIL

²Orientadora de Iniciação Científica do Curso de Psicologia, Docente do Centro Universitário do Brasil - UNIBRASIL

como um estado de moratória, o qual, apesar de o adolescente já ter tido tempo para assimilar os valores compartilhados na comunidade e ter o corpo maduro, não é reconhecido como adulto. Essa função ideal e moratória, possibilitam que o adolescente torne legítima uma identidade imposta pela sociedade.

Aqui estudaremos o adolescente em Situação de rua, e a problemática dessa fase e das condições sociais em que seu desenvolvimento e fortalecimento de valores são formados. Nessa fase de transição da vida de criança para a vida adulta é que as coisas acontecem. É na adolescência, que acabamos começando a escolher que caminhos seguir, qual será nossa formação, que empregos deveremos escolher e daí por diante. O adolescente em situação de rua, nessa fase começa a ter contato com a realidade das drogas dos crimes e da sobrevivência na rua.

Parte-se do pressuposto de que o psiquismo se desenvolve por meio do processo de inserção na cultura e pelas relações sociais, de forma que o homem internaliza as atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas, o eu então, existe a partir do outro. Heller (1989) afirma que a presença do outro é fundamental para a sua concepção do sujeito. A consciência surge nas relações estabelecidas socialmente. Para Heller (1989) desde nossa infância carregamos conteúdos cheios de significação social e afetiva, é então na adolescência que esses conteúdos apresentarão uma carga maior e definirão a personalidade e identidade do indivíduo. Portanto a identidade desse adolescente de rua fica a mercê do reflexo de sua relação com o ambiente em que se encontra. Quando falamos de identidade na rua, logo encontramos um grande problema, já que as pessoas em situação de rua se sentem sempre, ou quase sempre, “sem identidade” por conta da invisibilidade social, eles não se sentem parte do meio simplesmente por que são inúmeras vezes excluídos em diversos aspectos, inclusive lhes é negado a saúde, educação dentre outros direitos que todo o ser humano deve ter, independe de cor, raça, religião, situação social.

Uma visão geral sobre adolescer

A adolescência e os seus diversos conflitos entre o *que fui*, o *que sou* e o *que serei* denota uma fase de descobertas, e mais que isso uma fase de

posicionamentos, onde crenças e valores estão sendo estabelecidos, onde a identidade está sendo firmada. É nessa fase que o adolescente sofre as visíveis mudanças, desde as fisiológicas até de comportamento, onde a imagem infantil vai escapando aos olhos. Perde-se assim a graça da infância, o olhar do outro, e passa-se então a buscar o próprio olhar: olhar para dentro da situação onde se encontra. Podemos compreender essa dita “crise”, não como algo ruim, mas como uma necessidade de escolhas. A crise de um adolescente na busca de descobrir quem ele é para o mundo, e o que esse mundo espera dele. Uma crise de identidade, uma identidade que está sendo formada nesse período de moratória, que foi bem explicado por Calligaris (2009) um período onde o indivíduo vive entre a infância e a vida adulta. Moratória porque quando o adolescente de alguma maneira sente que está pronto para desfrutar os ideais da sociedade, pedem-lhe que aguarde mais um tempo. A saber, esses ideais são o que fazem com que tenhamos destaque e sejamos reconhecidos pelos outros: “as relações amorosas/sexuais e a potência no campo produtivo, financeiro e social”. (Calligaris, 2009)

Blos (1994) nos aponta esta etapa da vida em diferentes fases. Na primeira fase do Período de Latência, o autor nos explica que a passagem bem sucedida dessa fase é de extrema importância para a adolescência. É nessa fase que a criança ganha instrumentos para o desenvolvimento do ego, que prepara então o sujeito para mais tarde as pulsões (o que movimenta, o que direciona) da puberdade. A criança então é preparada para o dispêndio de energia por todos os funcionamentos da personalidade desenvolvida durante o período de latência. A consolidação dessa fase então é um pré-requisito para ingressar na adolescência, a criança terá sua energia voltada mais para o seu interior do que para o exterior, desenvolvendo assim uma auto-estima derivada das realizações e habilidades que conquistam a realização objetal e social. Ressalta Bloss:

Um avanço da consciência social da criança em latência se faz lado a lado com a separação entre o pensamento racional e a fantasia, com a separação entre o comportamento do mundo público e o mundo privado- em suma, com uma diferenciação nova, intensamente sentida. Nessa diferenciação a criança apreende facilmente as instituições sociais normativas, como educação, escola e playground, como um modelo de valor que promoverá seu comportamento integrativo. (BLOSS, 1994, p.58)

A pressão dos impulsos genitais marcam o fim do período de latência, iniciando a segunda fase chamada de Pré- adolescência. A partir de então qualquer experiência pode tornar-se sexualmente estimulante, uma vez que se observa um aumento instintual onde a energia libidinal aparece de forma quantitativa e até mesmo agressiva que sirva bem à criança durante os primeiros anos de sua vida. O aparecimento dos impulsos pré-genitais, são diferentes entre meninos e meninas, já que ambos enfrentam o aumento da pulsão de puberdade de forma diferentes. O aumento quantitativo dessas pulsões caracterizam a pré- adolescência e levam um reaparecimento da pré- genitalidade.

Um dos fatores que marcam a fase inicial da adolescência é o fim do amor incestuoso, com a projeção da libido (energia sexual) para fora do ambiente familiar. A terceira fase da adolescência inicial é então a fase da escolha objetal do adolescente. A vida emocional nessa fase é muito mais ampla, o aumento de pulsão é nitidamente novo. A Adolescência final tem a característica de que a maturação nessa fase força o menino a deixar sua auto-suficiência defensiva da pré adolescência e a catexia de pulsão pré genital, a menina também é levada ao desenvolvimento da sua feminilidade.

Em primeiro lugar deve-se então abandonar definitivamente os objetos de amor infantis, o que nem sempre ocorre com facilidade e então por fim teremos a fase da adolescência propriamente dita, quando a busca de relações objetais nessa fase assume novos aspectos.

A adolescência é algo novo, algo que apenas a sociedade moderna entende, já que em séculos passados o individuo nessa fase, já possuía diversas atividades de responsabilidades, dita adultas. Nesse aspecto podemos observar a adolescência como algo cultural, Levisky (1995, p.17) observa que apesar do processo da adolescência depender de fatores extrínsecos e regionais, há aspectos que podem ser considerados universais. A adolescência então é um processo que ocorre durante o desenvolvimento do indivíduo, a transição do processo infantil para o estado adulto. Levisky, relata a puberdade como sendo um processo de transformações biológicas, enquanto a adolescência é um processo psicossocial.

Como foi observado no decorrer desse artigo a adolescência é uma fase de escolhas, onde a identidade de sujeito está sendo formada perante a sociedade. O adolescente vive uma fase de incertezas, de saber quem ele é, o

que deseja, no que se tornará. Uma fase em que precisa lutar contra a invisibilidade, já que agora não mais é visto como uma criança, e ainda não se tornou um adulto, e a invisibilidade já se torna algo natural da adolescência. O adolescente então vive uma configuração do quadro psicológico e comportamental, e suas características vão depender de onde esse processo será vivido.

O que podemos observar na sociedade atual é que existem alguns critérios para que um adolescente inicie a sua caminhada para vida adulta, um dos exemplos que deixa claro esse relato é a preparação para o seu primeiro vestibular. Levisky (1995, p.17) aborda essa realidade:

Na sociedade contemporânea, o jovem é acrescido de mais uma função para poder alcançar a condição adulta e ser reconhecido pela sociedade como tal. Ele pode deve possuir condições para se encarregar de seu próprio destino, qualidade esta tão difícil de ser atingida em nossos dias, devido às conjunturas sócio-político-econômicas que as sociedades contemporâneas estão atravessando.

O adolescente é extremamente influenciado pelo meio em que vive, explica Levisky. A cultura vigente molda os padrões desse adolescente, apesar disso existem aspectos considerados universais dentro dessa fase, qualquer que seja o contexto sócio-cultural, a adolescência será sempre um período de crise e de desequilíbrio. São características que se devem tanto às mudanças fisiológicas, quanto psicológicas de inserção do jovem a vida adulta.

Dentro desse universo contempla-se então em um meio onde os direitos humanos, bem como os direitos de adolescentes não são assegurados, as pessoas em situação de rua. Vários fatores sócios-culturais, se tornam importantes para que um adolescente se insira na vida adulta, os adolescentes que vivem dentro da conformidade de um lar, com seus pais ou parentes, que têm acesso à saúde, educação e lazer, já sentem na pele a dificuldade dessa fase de enormes descobertas e mudanças, já sentem a responsabilidade de escolher os seus caminhos, e vivem conflitos espantosos por conta disso. É possível imaginar como um adolescente que vive em situação de vulnerabilidade social nas ruas, passa por essa fase?

O conflito e a perda da identidade do sujeito que se encontra em situação de rua é extremamente verdadeiro; na rua perde-se a identidade por conta da invisibilidade, da falta de direitos, do preconceito, da falta de oportunidade. Na fase em que a identidade está sendo formada, o adolescente

de rua, vive a crise da própria adolescência e de como vivê-la dentro do contexto da rua. Levisky (1995) observa que quanto mais complexa for a sociedade, maiores serão os pré-requisitos necessário para o que o jovem possa integrar a sociedade atual.

Considerações finais:

O adolescente em situação de rua é exposto à diversas situações onde ele precisa usar de habilidades para sobreviver, muitas vezes esse adolescente não têm condições físicas e nem psicológicas para enfrentar cada situação a que é exposto, isso faz com que a identidade se torne mais fragilizada do que já é, pois para se adequar ao meio em que se encontra, comete alguns furtos (isso se torna inclusive, uma exigência de um “líder” do local, esse líder muitas vezes mais velho determina que o adolescente furte, ou que pelo menos esse adolescente estude a possibilidade de furtar, alguém ou algum local), alteração de nomes, comportamentos de agressividade e violência, inclusive entre eles para garantir seu lugar no grupo em que está inserido. Os conflitos da adolescência não são diferentes em um adolescente de rua, o que muda é a capacidade de aprender como ser, já que o adolescente em situação de rua, tem pouco ou nenhum acesso, à cultura, saúde, educação e lazer, pois vive limitado em um mundo de vulnerabilidade e invisibilidade, onde sua maior preocupação se torna: “será que estarei vivo amanhã, e se sobreviver, como vou fazer para continuar inserido no grupo onde vivo?”

O adolescente em situação de rua é exposto muito cedo na luta de sobrevivência e ganho de território. Está sempre lutando para encontrar o olhar do outro e ser reconhecido por esse olhar, e na rua esse anseio pelo olhar é ainda maior, já que o adolescente em situação de rua muitas vezes não perdeu apenas o olhar dos pais ou familiares, mas sim de uma sociedade inteira.

O adolescente exposto a vulnerabilidade social acredita que sua identidade é de um “trombadinha”, alguém que tem pouco ou nenhuma condição de um crescimento social e de fazer parte da sociedade mas não de uma maneira marginalizada. O que fica é uma pergunta: como desconstruir esse processo identificatório permeado de preconceitos?

“Eu não tenho documento de Identidade, eu não desejo participar desse mundo bagunçado de vocês.”

(Relato de um morador de rua. Praça Rui Barbosa- 2014)

Referências:

BLOS, P. Adolescência- Uma Interpretação Psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes- 1994

CALLIGARIS, C. A Adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000 – (Folha Explica).

LEVISKY, L, D. Adolescência – Reflexões Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HELLER, A. Cotidiano e história. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989